

Entre o Ensino, Pesquisa e Extensão: os desafios para a inserção em mercados agroalimentares sustentáveis

Between Teaching, Research and Extension: the challenges for entering sustainable agrifood markets

SCARPATTI, Ingo¹; FEIJÓ, Cristiane Tavares²

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, ingoscarpatti@gmail.com; ² Universidade Federal de Santa Catarina, cristavaresfeij@gmail.com

Eixo temático: Juventude e sucessão familiar e novos rurais

O presente relato de experiência, tem como objetivo principal fazer uma descrição e análise reflexiva, mas também crítica, sobre a presença dos novos rurais, no papel da juventude na produção de alimentos sustentáveis, bem como, expor os desafios enfrentados por estes atores sociais na construção de estratégias e caminhos para o desenvolvimento agrícola sustentável, no território litorâneo de Santa Catarina (SC). É a partir das experimentações na propriedade, que os parceiros lançam mão de critérios que resultassem no desenvolvimento da agricultura urbana, buscando-se assim autonomia, através do empreendedorismo sustentável, e fundamentados na produção agroecológica dos alimentos. Diante deste contexto, torna-se justificável a relevância de debater a experiência no presente eixo temático sobre “juventude e sucessão familiar e novos rurais”, a fim de contribuir na construção do conhecimento e práticas agroecológicas também urbanas para o país.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo relatar as relações de vivência e assessoramento técnico entre os jovens agricultores locais, que buscam se posicionar como produtores e fornecedores para estabelecimentos comerciais do município de Florianópolis, localizado no estado de Santa Catarina (SC). Esta experiência é resultado de interações sociotécnicas agroecológicas de uma rede em construção, entre o profissional em formação pela Universidade Federal de Santa Catarina e os novos rurais. A metodologia utilizada baseou-se nos fundamentos teóricos e práticos da Metodologia Participativa de Extensão Rural, instrumentalizando a rede sociotécnica, através de uma abordagem comunicativa, pedagógica e tecnocientífica. Além disso, buscou-se também mapear e estabelecer uma rede de consumidores locais, baseando-se na conexão entre produtor e consumidor, por meio do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação

Palavras-Chave: Extensionismo; Novos Rurais; Agroecologia, Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Keywords: Extensionism; New Rural; Agroecology; ICTs

Contexto

A vivência deste relato inicia no momento em que um dos jovens produtores adquire um imóvel, localizado no norte da ilha do município de Florianópolis, no estado de Santa Catarina, entre os bairros Cachoeira do Bom Jesus e São João do Rio Vermelho. A propriedade contém em média 500m², e está situada em uma Área de Preservação com Uso Limitado de Encosta (APL-E). Segundo o Plano Diretor de Florianópolis (BRASIL, 2014), às propriedades encontram-se localizadas

geralmente no entorno imediato das Áreas de Preservação, cuja função tem sido designada como áreas de proteção das Unidades de Conservação (UC). Na sua grande maioria estão cobertas por vegetação da Floresta Atlântica e/ou de Restinga, em estágios médio e avançado de regeneração. Além disso, trata-se de regiões com uso do solo multifuncional, de baixa ocupação e que apresenta ainda características rurais, onde corredores ecológicos e usos agrários estão mesclados com usos urbanos rarefeitos, e de certo modo, compatíveis com o entorno natural.

Diante do contexto inserido, pode-se dizer que inicialmente o produtor então considerado neo rural (dada às condições ambientais em que se encontra) almejava trabalhar com uma produção agrícola com um foco comercial convencional, ou seja, acreditava que este era o caminho mais sólido para o acesso à renda. Por vezes o jovem neo rural demonstrou um certo receio sobre as possibilidades práticas na produção agroecológica, e a assimilação destes produtos por mercados consumidores. Como o produtor não vislumbrava grandes oportunidades na produção agrícola em sua propriedade, chegou a cogitar o cultivo da cultura do alho-poró (*Allium porrum*), para a sua comercialização em mercados varejistas locais. Acreditava que este cultivo então considerado uma cultura de alto valor agregado, seria a oportunidade para a geração dos seus rendimentos. Além disso, após a aquisição do terreno, o produtor iniciou a construção da própria residência, o que, por outro lado, limitou sua capacidade de investimento financeiro para iniciar o empreendimento agrícola. Pode-se dizer que, esse conjunto de fatores resultou na busca pelo produtor da parceria extra institucional do seu colega extensionista. De forma colaborativa, ambos construíram um planejamento para propriedade, de forma que o trabalho, bem como alguns investimentos, visando a criação e desenvolvimento de um negócio agrícola, fossem compartilhados.

A ideia inicial da parceria entre o produtor e o colega, era mobilizada por uma proposta de um empreendimento sustentável, tendo como objetivos criar e desenvolver um negócio comercial, no que diz respeito ao investimento da atividade, por meio do acesso à assistência técnica especializada com o profissional autônomo. Para isso, foi necessário a construção de um planejamento conjunto de produção local, enfatizando nos principais produtos a serem comercializados, tais como: flores comestíveis; ervas aromáticas; e os cogumelos coloridos. As Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), passaram a ser fontes de uma proposta de gestão sistêmica da produção e distribuição, que se desenvolveu durante o período do relato. Isso quer dizer que, houve uma dedicação entre os pares envolvidos no cultivo das PANCs, buscando uma relação direta com os possíveis consumidores, através da criação dos circuitos curtos. Neste caso, pode-se dizer que os restaurantes e chefs locais, mostraram-se receptivos e interessados a acrescentar às PANCs aos seus cardápios.

Este relato de experiência, que se inicia no segundo semestre de 2018 até o primeiro semestre de 2020, é fruto da parceria do produtor e extensionista, ainda construída no curso de graduação em Agronomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Além disso, durante o período do presente relato, os pares envolvidos firmaram, de certo modo, uma parceria informal, momento em que ambos trabalharam em diferentes etapas das atividades, investindo financeiramente no empreendimento, com base nos preceitos da produção sustentável.

Descrição da Experiência

O exercício da assistência técnica pelo jovem extensionista foi orientada pelo instrumento denominado Metodologia Participativa de Extensão Rural (MEXPAR) (RUAS, 2006), com vistas de compartilhar o conhecimento técnico, tecnologias, e o saber científico agroecológico, respeitando os interesses e a trajetória de vida do jovem neo rural. Pode-se afirmar que, a comunicação, em conjunto de uma abordagem educativa, capacitativa e participativa, contribui com o desenvolvimento das atividades produtivas sustentáveis. Isso quer dizer, que havia entre o produtor e extensionista perspectivas distintas, mas que foram mitigadas por meio dos diálogos entre os pares envolvidos. Após ponderações e a apresentação dos diferentes pontos de vista, chegou-se ao início de empreendimento agrícola, e de certo modo, comercialmente efetivo, então fundamentados nos preceitos sustentáveis.

Foram utilizadas técnicas agroecológicas, tais como: o aproveitamento de materiais residuais no contexto do bioma inserido; na construção de canteiros elevados conforme o modelo “*hugelkultur*”, por meio dos policultivos, do terraceamento; e por meio do aproveitamento dos resíduos orgânicos locais para adubação dos canteiros, utilizando a prática de compostagem. Considerou-se nesse contexto, a relevância da abordagem multifuncional da propriedade e da produção, analisando as potencialidades do agroecossistema local, a fim de fazer um melhor aproveitamento dos recursos sociais, naturais, e econômicos da propriedade.

Outro fator importante para o desenvolvimento das atividades foi a identificação de uma plataforma digital popular, com o objetivo de aproximar o produtor dos consumidores. Nesse sentido, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) por meio das estratégias do Marketing Digital, como o gerenciamento das mídias sociais, a criação e desenvolvimento de uma marca própria, a elaboração de conteúdos interativos, foram fatores essenciais que contribuíram com a divulgação, aproximação dos clientes potenciais, e a comercialização dos produtos agroecológicos. Neste caso, o uso das TICs serviu para a sondagem informal do comportamento de mercado através das mídias sociais, onde foram realizadas simples entrevistas com possíveis consumidores da produção das PANCs. Além disso, foi levado em conta o perfil e as características de consumo destes clientes, para posteriormente criar conteúdos informativos e atrativos, de forma a buscar o estabelecimento e encurtamento de cadeias produtivas e de consumo. Tais estratégias de informação e comunicação foram utilizadas com o propósito de atrair consumidores conscientes.

Contudo para alcançar o caminho de uma produção sustentável, com baixos impactos negativos, tanto na esfera social, quanto ambiental e econômica, os parceiros da atividade agroalimentar chegaram à conclusão de que cultivar culturas de alto valor agregado baseadas nos produtos disponíveis em mercados varejistas e atacadistas, não garantiria a geração de renda do jovem neo rural. Ficou claro naquele momento, que tratava-se do desenvolvimento de uma atividade de produção em maior escala, apresentando como não viável economicamente, dado ao contexto também inicial do empreendimento, em concomitância com as possíveis potencialidades socioambientais do local. Porém, pode-se dizer que a trajetória do jovem

extensionista, em relação às suas experiências com restaurantes e chefs gastronômicos, contribuiu com as decisões tomadas e compartilhadas pelo jovem colega e proprietário. Nesse sentido, o cultivo de flores comestíveis de culturas hortícolas, como a cultura da rúcula (*Eruca sativa* L.), o brócolis ramoso/comum (*Brassica oleracea* L. var. *italica* Plenck), cosmos (*Cosmos sulphureus*), capuchinha (*Tropaeolum majus*), maria sem vergonha (*Impatiens walleriana*), como o jambú (*Acmella oleracea*), erva doce dos astecas (*Lippia dulcis*), menta pimenta (*Mentha x piperita* L.), erva baleeira (*Cordia verbenacea*), pimentas nordestinas indisponíveis em mercados locais, como as espécies “cumari-do-pará” (*Capsicum baccatum*), “bodinho” (*Capsicum chinense* 'Adjuma') e “habanero” (*Capsicum chinense*), e cogumelos shimejis coloridos (*Pleurotus ostreatus*), muitas destas consideradas plantas alimentícias não convencionais, sendo como a saída para conquistar novos consumidores, paladares e apreciadores da culinária não convencional.

Para isso, necessitou-se utilizar um sistema de distribuição para o tipo de cliente escolhido, os restaurantes gourmets, feito por meio de tele entrega motorizada, a partir de um roteiro planejado. No que toca as estratégias de captação de clientes, foi desenvolvido um modelo de amostragem e degustação, para que os produtos fossem apresentados aos chefs. Além disso, o técnico ficava responsável por apresentar os produtos disponíveis e suas principais características, para que posteriormente, fossem divulgados no perfil digital do empreendimento, de forma a abrir e manter ao mínimo um canal de comunicação com o restaurante e demais clientes.

Como o empreendimento era gerido somente por duas pessoas, acreditou-se ser necessário buscar auxílio externo. Desta forma foram convidados amigos, conhecidos e técnicos, com o intuito de aumentar e fortalecer a rede sociotécnica, agregando capital social e recursos ao empreendimento. Assim, deu-se início a produção de cogumelos coloridos, abelhas sem ferrão com acompanhamento técnico, e a identificação de plantas nativas. Também foi firmado naquele momento, uma parceria com uma estufa produtora de micro verduras, que tinha semelhanças produtivas e comerciais com a propriedade em questão, e atualmente trabalhava com o extensionista. Por fim, as formas de gestão implantadas, como anotações em caderno de campo, controle de produção, vendas e cadastro dos clientes, aprimoraram a perspectiva do produtor sobre o próprio negócio, fornecendo uma transparência de dados para os atores sociais envolvidos, possibilitando um melhor controle da entrada e saída de produtos e insumos.

Resultados

Dentre os pontos fortes a serem destacados dessa experiência, pode-se dizer que o jovem produtor neo rural agroecológico obteve o retorno financeiro esperado, após um período de experimentações na sua propriedade, e por meio da construção de uma rede dos diferentes parceiros. O jovem também obteve noções de multifuncionalidade, como a utilização da declividade, no represamento da água para irrigação, assim como nos princípios de permaculturas desenvolvido na propriedade, possibilitando maior autonomia econômica e energética, com baixo impacto ambiental local. Por outro lado, algumas parcerias não perduraram, fragilizando o agroecossistema local, e conseqüentemente a produção das PANCs. Além disso,

ainda que o saber-fazer científico e tradicional estivessem em diálogo, identificou-se sua fragilidade por meio de uma rede vulnerável de diferentes atores sociais autônomos. Nesse sentido, as ações produtivas descritas no presente relato de experiência, passam a ser vistas como um embrião das práticas agroecológicas, necessitando da construção e apoio de políticas públicas municipais, estaduais e federais. Por fim, o fortalecimento dos agentes do desenvolvimento rural territorial sustentável, sejam eles da pesquisa, ensino e extensão, poderá ser uma alternativa para a contribuição e no empoderamento agroecológico dos jovens neo rurais, como no caso destacado.

Agradecimentos

À UFSC por propiciar um curso de graduação em agronomia diferenciado, valorizando a contribuição epistemológica da agroecologia, das organizações sociais do campo, da agricultura familiar, tradicional e extrativista. Por fim, à todos(as) produtores(as) agroecológicas e comerciantes, pelas vivências e experiências proporcionadas.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei Complementar nº482/2014. Plano Diretor de Florianópolis. Institui o Plano Diretor de Urbanismo do Município de Florianópolis que Dispõe sobre a Política de Desenvolvimento Urbano, o Plano de Uso e Ocupação, os Instrumentos Urbanísticos e o Sistema de Gestão. Florianópolis, 2014.

RUAS, E, D. et al. **Metodologia Participativa de Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável** – MEXPAR. EMATER-MG, Belo Horizonte, março 2006.